

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDU
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

MARIA GABRIELA SILVA RAMALHO

**A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DOS/AS ESTUDANTES: um mapeamento
na literatura nacional**

**MACEIÓ
2025**

MARIA GABRIELA SILVA RAMALHO

**A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DOS/AS ESTUDANTES: um mapeamento
na literatura nacional**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso(TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

MACEIÓ

2025

MARIA GABRIELA SILVA RAMALHO

**A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DOS/AS ESTUDANTES: UM MAPEAMENTO NA
LITERATURA ACADÊMICA NACIONAL**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

03/06/2025. Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

(CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 JEANE FELIX DA SILVA
Data: 18/08/2025 11:34:25-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva
(CEDU/UFAL)
Presidente

Documento assinado digitalmente
 DEBORA CRISTINA MASSETTO
Data: 07/08/2025 09:53:42-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Débora Cristina Massetto
(CEDU/UFAL) - Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 ERICA RENATA VILELA DE MORAIS
Data: 07/08/2025 23:13:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Érica Renata Vilela de Moraes
(CEDU/UFAL) - Avaliadora

**A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DOS/AS ESTUDANTES: um mapeamento
na literatura nacional**

Maria Gabriela Silva Ramalho
maria.ramalho@cedu.ufal.br

Profa. Dra. Jeane Félix da Silva
jeanefelix@cedu.ufal.br
Orientadora

RESUMO

Este trabalho aborda a educação socioemocional em diálogo com a perspectiva da crítica educação, a qual propõe uma formação mais ampla e integrada do ser humano, superando o modelo tradicional de ensino centrado unicamente na transmissão de conteúdos. Por meio de uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, apresenta resultados sobre a produção acadêmica que trata da educação socioemocional no contexto escolar, com o objetivo de discutir de que forma a educação socioemocional, conforme apresentada nas publicações analisadas, propõe (ou não) o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais no processo formativo. Tais análises partem da premissa de que as concepções disseminadas na literatura podem estar alinhadas tanto a uma lógica neoliberal e individualista quanto a uma perspectiva crítica e emancipadora, distinção que constitui um elemento central nesta investigação. Os resultados apontam que a educação socioemocional tem sido abordada como parte importante no processo educativo. No entanto, a análise da produção acadêmica revela que grande parte das abordagens presentes nos textos analisados está alinhada a uma perspectiva funcional e adaptativa, reforçando discursos de responsabilização individual e desenvolvimento de competências voltadas ao desempenho escolar e à inserção no mercado de trabalho. Isso evidencia uma aproximação com princípios neoliberais, ainda que alguns autores também tragam contribuições alinhadas a uma perspectiva crítica, que valoriza a formação integral, a consciência social e o enfrentamento das desigualdades. Assim, constata-se a coexistência de diferentes concepções, com prevalência de uma visão instrumental da educação socioemocional na literatura acadêmica investigada.

Palavras-chaves: Educação socioemocional. Educação emocional. Competências socioemocionais.

SOCIO-EMOTIONAL EDUCATION AND ITS CONTRIBUTIONS TO STUDENT DEVELOPMENT: A Mapping in the National Literature

ABSTRACT

This study addresses socio-emotional education in dialogue with the perspective of critical education, which proposes a broader and more integrated formation of the human being, going beyond the traditional model of education focused solely on content transmission. Through a qualitative bibliographic review, the study presents findings on academic literature that discusses socio-emotional education in the school context, aiming to examine how this approach, as presented in the analyzed publications, promotes (or not) the development of cognitive, emotional, and social aspects in the educational process. The analyses are based on the premise that the conceptions disseminated in the literature may align either with a neoliberal and individualistic logic or with a critical and emancipatory perspective—this distinction being a central element of the investigation. The results show that socio-emotional education has been highlighted as an important approach in the educational process. However, the analysis of academic production reveals that many of the approaches found in the selected texts are aligned with a functional and adaptive perspective, reinforcing discourses of individual responsibility and the development of skills aimed at school performance and market integration. This reveals an approximation to neoliberal principles, although some authors also offer contributions aligned with a critical perspective, which values comprehensive development, social awareness, and the confrontation of inequalities. Thus, the coexistence of different conceptions is observed, with a prevalence of an instrumental view of socio-emotional education in the academic literature analyzed.

Keywords: Socio-emotional education. Emotional education. Socio-emotional skills.

1. Introdução

A educação socioemocional tem tido destaque nas últimas décadas devido aos desafios sociais, emocionais e educacionais enfrentados pela escola na atualidade. Para Gonçalves, Souza e Almeida (2024), a consciência da importância de uma educação que integre o desenvolvimento cognitivo e emocional é, hoje, algo indispensável. A urgência dessa perspectiva é reforçada pelo dado de que “cerca de 13% dos estudantes em instituições de ensino apresentam dificuldades no aprendizado socioemocional” (Gonçalves; Sousa; Almeida, 2024, p.2) Para as autoras, as competências socioemocionais:

(...) podem ser definidas como um conjunto de habilidades que ajudam o indivíduo a lidar consigo mesmo, estabelecer boas relações com outras pessoas e realizar diferentes atividades (como, por exemplo, estudar, brincar, trabalhar, conversar, entre outras) com a qualidade necessária. (Gonçalves; Sousa; Almeida, 2024, p.2).

Observa-se que, embora o tema da educação socioemocional já fosse discutido por algumas correntes pedagógicas, foi apenas com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2018, que essa abordagem ganhou lugar e destaque nas discussões educacionais e nas práticas pedagógicas. Segundo o Observatório do Movimento pela Base (2020), a BNCC estabeleceu a ideia de que a escola, além de trabalhar as competências cognitivas, deve também trabalhar as habilidades que envolvem aspectos emocionais e sociais dos/as estudantes, como a empatia, responsabilidade, controle emocional e cooperação, que são habilidades que trazem uma preparação para a vida real.

Além disso, a Lei nº 13.415/2017, que reformou o Ensino Médio, também introduziu oficialmente o desenvolvimento socioemocional como parte da formação integral dos/as estudantes, ao determinar que os currículos deveriam contemplar a construção do projeto de vida e a formação física, cognitiva e socioemocional. Essa inclusão sinalizou uma mudança na legislação, refletindo o crescente reconhecimento das competências socioemocionais como parte fundamental da educação básica. Contudo, essa previsão foi revogada pela Lei nº 14.945/2024, o que abre margem para novos debates sobre o papel dessas habilidades no currículo escolar.

Contudo, cabe destacar que, a abordagem dessas competências não é um consenso no campo educacional e sofre fortes críticas, especialmente por serem

inseridas nas políticas educacionais a partir de concepções educativas propostas por instituições como o Instituto Ayrton Senna, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD) (Silva, 2022). Nas palavras do autor, no Brasil:

o conceito de competências socioemocionais começou a ser difundido sistematicamente pelo Instituto Ayrton Senna (IAS) em 2011, no Seminário “Educação para o Século 21”, evento que foi “realizado em parceria com a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República e com a UNESCO” (Silva, 2022, p. 3).

Apesar desse debate, é inegável que precisamos repensar o papel da educação em uma sociedade cada vez mais complexa, como essa em que estamos inseridos/as. Em um mundo em que desafios como ansiedade, problemas de saúde mental e dificuldades sociais têm impactado significativamente a um número expressivo de pessoas, torna-se essencial buscar alternativas educativas que integrem aspectos emocionais, sociais e espirituais, promovendo uma formação integral dos/as estudantes.

Com base nisso, meu interesse pela temática se deu a partir da experiência em uma escola particular do município de Maceió, em Alagoas, que adota uma proposta pedagógica integradora, alinhada com práticas que podem ser consideradas como uma ponte para uma educação mais humana. A abordagem adotada pela referida escola busca uma formação integral, considerando não apenas aspectos cognitivos, mas também os aspectos sociais e emocionais. Assim,, passei a me questionar se e como essa perspectiva - e não a perspectiva individualista adotada pela BNCC - poderia ser adotada por outras escolas, inclusive escolas públicas.

Acredito que a educação tem papel fundamental no desenvolvimento humano e está relacionada a diversos contextos. Durante muitos anos, a escola organizou seu currículo a partir de uma perspectiva tradicional - ou seja, aquela forma de ensinar baseada na transmissão de conhecimentos, cujo foco do processo educativo estava no/a professor/a e no conteúdo - como única forma reconhecida de educar na escola. Para Libâneo (2005), essa perspectiva, baseada no contexto moderno, estava pautada na criação de uma sociedade racional, na qual os conhecimentos de uma “cultura universal” precisavam ser transmitidos. Os/as professores/as, nessa perspectiva, têm como papel ajudar os/as estudantes a assimilarem esses conhecimentos considerados universais (Libâneo, 2005).

A perspectiva tradicional da Educação, amplamente consolidada, tende a centrar-se na transmissão e memorização de conteúdos, o que continua a dominar o sistema educacional, muitas vezes negligenciando o potencial criativo e crítico dos/as estudantes e limitando o papel do/a professor/a a mero transmissor/a de conteúdos e não como agente de transformação social. Esse enfoque tradicional permanece como um paradigma enraizado, que prioriza resultados imediatos e a preparação para o mercado de trabalho, mas pouco promove a formação integral, mesmo quando sugere a participação ativa do/a aluno/a no processo de ensino-aprendizagem.

Como observa Libâneo (1994, p. 22), na “pedagogia tradicional, o professor é o centro e base do processo de ensino, considerado o detentor do conhecimento, enquanto o aluno ocupa uma posição passiva, limitando-se a receber e memorizar conteúdos transmitidos”. Essa linha pedagógica acaba limitando o potencial criativo, emocional e crítico dos/as estudantes e desconsidera a escola como espaço de humanização e de preparação para a vida. Nas palavras de Brandão:

Podemos recriar o direito ao imprevisto, ao imprevisível, ao criativo, remando contra o pré-estabelecido, o previsto, o previsível. Conspirar contra a mecanização do ensinar, como aquela que se estabelece em cima de programas de curso rigidamente pré-montados e empacotados. Saibamos retomar as aulas e diálogos criados a partir de roteiros fluidos a serem construídos no próprio momento da aula ou da fala. Ousemos relativizar o primado crescente das aulas datashow e aprender a utilizar criativamente os aportes da informática, em nome de um saber criativo e elaborado no momento do ensinar-aprender. Um com-saber com pleno direito ao imprevisto de parte do professor e de alunos. Assim, poderemos redescobrir como retomar a aula em que a fala de parte a parte constrói o seu próprio saber, ao invés de reduzir-se a um repetitivo empilhamento de informações prontas e não abertas à criação do debate e à descoberta do sabor do saber no acontecer do ensinar e aprender (Brandão, 2019, p. 19-20).

O convite feito por Brandão (2019), destacado no acerto acima, vai na contramão da abordagem tradicional, centrada no/a professor/a como figura principal do processo de ensino, na qual o/a aluno/a é reduzido ao papel receptivo, voltado a memorizar os conteúdos abordados. Essa abordagem valoriza a padronização, a disciplina e o cumprimento de um currículo fixo, priorizando a transmissão de informações e habilidades que são consideradas essenciais para a formação do indivíduo (Silva, 2011). Tal abordagem está pautada centralmente em aulas expositivas e na memorização dos conteúdos com o foco em resultados e na preparação para o mercado de trabalho.

Apesar de todas as críticas, a perspectiva tradicional ainda é o paradigma mais considerado na construção dos currículos das escolas e universidades. Essa

perspectiva que não se preocupa com a integralidade do/a educando/a nem o considera como sujeito ativo e participativo no processo de ensino-aprendizagem vem recebendo novas roupagens, para ajustar-se às necessidades da educação na atualidade. Cabe destacar que reconheço a importância histórica do modelo tradicional de educação, responsável por educar por diversas décadas, contudo, tenho me interrogado se esse modelo ainda se adequa para educar em nossos tempos, imersos nas tecnologias digitais, com desafios de inclusão de pessoas com deficiência, necessidade de formar para um mundo de trabalhos cada vez mais precarizados e tantos outros elementos que caracterizam a chamada “sociedade do cansaço” (Han, 2015).

Assim, considerando a necessidade de discutir e refletir sobre essa abordagem educativa e suas possíveis contribuições para as escolas, este estudo visa compreender a abordagem socioemocional na educação - em uma direção diferente da perspectiva neoliberal e individualista presente na BNCC - e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento dos/as estudantes, promovendo o avanço do conhecimento na área.

Nesse sentido, este trabalho parte da seguinte questão de pesquisa: Quais são as principais abordagens que caracterizam a educação socioemocional na literatura acadêmica nacional? Essa pergunta busca compreender se a perspectiva disseminada na literatura está situada ou não na abordagem neoliberal e individualista. A partir desta pergunta, o presente artigo tem como **objetivo geral**: analisar como a literatura acadêmica nacional sobre educação socioemocional no ambiente escolar conceitua essa abordagem, buscando identificar se as concepções predominantes se alinham a uma perspectiva neoliberal e individualista ou a uma proposta crítica e emancipadora. Os objetivos específicos são os seguintes: a) mapear as perspectivas teóricas sobre educação socioemocional presentes na literatura acadêmica; b) Refletir criticamente sobre os possíveis vínculos entre as concepções analisadas e discursos de cunho neoliberal ou emancipador; c) Examinar como essas abordagens articulam o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos/as estudantes.

Para alcançar os objetivos, em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa qualitativa e de caráter bibliográfico. A pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos sociais, explorando significados, experiências e

perspectivas dos/as participantes, sem se preocupar com a quantidade de dados coletados (Yin, 2016). Já a pesquisa bibliográfica é aquela que se ocupa em coletar e analisar materiais já publicados sobre um determinado tema (Gil, 2002).

Este artigo está organizado em 5 partes, são elas: 1) Introdução, na qual apresento a temática central da pesquisa, os objetivos e a pergunta problema, dando pistas breves sobre a metodologia; 2) Metodologia, descrevo quais procedimentos foram adotados durante as buscas e análises das fontes, detalhando as etapas de todo o processo da pesquisa; 3) Referencial Teórico, discorro sobre os principais conceitos que trazem embasamento sobre a educação socioemocional, dialogando com autores e autoras que abordam o desenvolvimento dos/as estudantes; 4) Resultados e Discussão dos dados, na qual, realizo uma análise crítica dos textos selecionados, apontando as abordagens que possuem características da educação socioemocional e as contribuições identificadas nas literaturas sobre o tema; e 5) Algumas considerações, apresento uma conclusão e reflexões a partir dos textos encontrados e analisados.

2. Metodologia

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e tem como foco a análise da produção acadêmica nacional sobre Educação Socioemocional. Essa metodologia busca evidenciar a importância da abordagem socioemocional e de que forma ela pode contribuir para o desenvolvimento dos/as estudantes, considerando suas dimensões emocionais, cognitivas e sociais, além de propor reflexões sobre sua relevância no contexto educacional contemporâneo. A escolha pela pesquisa bibliográfica se justifica pela necessidade de mapear e analisar estudos acadêmicos que tratam a educação socioemocional, buscando identificar as principais abordagens e reflexões teóricas presentes nesse campo.

Trabalhar com a pesquisa bibliográfica significa realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico [...] o que exige vigilância epistemológica. (Lima; Miotto, 2007, p.1).

O caráter qualitativo da pesquisa baseia-se na análise interpretativa de textos selecionados, favorecendo uma compreensão mais profunda das propostas

pedagógicas que promovem o desenvolvimento dos/as estudantes. Como afirma Yin (2016), esse tipo de investigação busca captar o significado dos fenômenos sociais “da perspectiva dos participantes de um estudo” (p. 41), o que permite analisar diferentes reflexões e olhares atribuídos à educação socioemocional, “a condição inicial deriva do desejo da pesquisa qualitativa de capturar o significado dos eventos da vida real, da perspectiva dos participantes de um estudo” (Yin, 2016, p. 41).

Entende-se a pesquisa como um processo no qual o/a pesquisador/a tem “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e reflete posições frente à realidade (Minayo, 1994, *apud*, 2007, p. 38).

A pesquisa bibliográfica realizada neste estudo foi conduzida a partir da plataforma *SciELO*, com o objetivo de mapear a produção acadêmica sobre educação socioemocional. O processo de coleta de dados foi desenvolvido, entre os meses de março e abril de 2025, por meio de buscas por palavras-chave e na seleção de textos relevantes para o tema da pesquisa.

Yin (2016) orienta, que principalmente entre pesquisadores/as iniciantes, é comum que invistam tempo excessivo em revisões muito amplas, sem que isso contribua para a definição dos estudos. Por isso, o autor defende que a revisão bibliográfica deve ser guiada de forma estratégica e seletiva, com foco em obras que dialoguem diretamente com a pergunta problema da pesquisa. Nesse sentido, inicialmente, foi realizada uma busca pela palavras-chave “educação socioemocional”, resultando na identificação de 19 textos. Desses, foram selecionados 4 artigos, cujos títulos indicavam uma abordagem pertinente ao tema. No entanto, após a leitura dos resumos, apenas 2 apresentaram relevância suficiente para serem incluídos na análise desta pesquisa.

Em seguida, a pesquisa foi aprofundada utilizando as palavras “educação emocional”, o que resultou em 270 trabalhos encontrados. Contudo, a maioria dos textos estavam em línguas estrangeiras, como inglês e espanhol, razão pela qual foram excluídos desta pesquisa. Além disso, muitos dos artigos encontrados eram da área da saúde e não à Educação, outro critério de exclusão adotado. Após analisar

os resultados, 12 artigos foram inicialmente selecionados, mas após a leitura dos resumos, somente 2 textos apresentaram relevância para o estudo.

Por fim, foi realizada uma busca com as palavras-chave "competências socioemocionais", que gerou 30 resultados. Desses, 3 artigos foram escolhidos com base nos títulos, mas somente 1 texto se mostrou significativo após a leitura do resumo. Nesse sentido, o conjunto de trabalhos analisados nesta pesquisa foi no total de 05 (cinco) textos, os quais serão apresentados na Tabela 1, a seguir. Posteriormente, os trabalhos serão analisados.

Tabela 1: Trabalhos Mapeados

Título	Autores(as)	Periódico	Ano da publicação	Link do artigo
Construto socioemocional e suas contribuições para a Psicologia e Educação	GONÇALVES, Marta Silva; SOUSA, Adriano de; ALMEIDA, Pedro.	Fractal: Revista de Psicologia	2024	https://www.scielo.br/j/fractal/a/fy46Kh8dqjdJQfHDsplKgdR/?lang=pt
Avaliação de programa sobre identificação de emoções por alunos do ensino básico	CAMPOS, Sofia Margarida Guedes de et al.	Acta Paulista de Enfermagem	2020	https://www.scielo.br/j/ape/a/cDFqLvk5GDqQZjsHfZ6MHZc/
Percepção de professores sobre um programa de educação emocional: um estudo qualitativo	OLIVEIRA, Rafaela de; MORAIS, Andréa; RAMOS, Cíntia.	Revista Brasileira de Educação	2024	https://www.scielo.br/j/rbedu/a/w6k4MxKVf9bcy86NQgR3hDg/

Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação	SOUZA, Gabriela de; ALMEIDA, Fernanda de; RODRIGUES, Ana Paula.	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	2019	https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yLRT3x4JrDbH6T4djNw95DR/
Habilidades do século XXI: relações entre criatividade e competências socioemocionais em estudantes brasileiros	NAKANO, Tatiana de Cassia; PRIMI, Ricardo.	Educar em Revista	2021	https://www.scielo.br/j/er/a/ccYWfCPrGtYqKPFd9hkJrZv/abstract/?lang=pt

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

Passo, a seguir, a analisar os trabalhos mapeados nesta pesquisa. As análises buscam responder à pergunta de pesquisa apresentada na introdução deste texto.

3. Concepções e Abordagens da Educação Socioemocional na Literatura Acadêmica

A educação socioemocional dá-se pelo desenvolvimento das competências emocionais e sociais dos indivíduos, visando o progresso das habilidades que são fundamentais para a formação do indivíduo para vida (Gonçalves; Sousa; Almeida, 2024, p.2). Para os/as autores/as, existem três grupos de habilidades: a habilidade de saber lidar consigo mesmo, como por exemplo a autoregulação; habilidades de lidar com os outros de forma saudável e construtiva em tarefas simples; e a habilidade de convivência em sociedade. Essas habilidades são essenciais para a formação dos/as estudantes, pois não apenas melhoram o desempenho acadêmico escolar, mas também contribuem para o bem-estar emocional e social, preparando os/as estudantes para lidar com os desafios da vida cotidiana (Gonçalves; Sousa; Almeida, 2024, p.2).

Nessa perspectiva, pode-se considerar uma pessoa emocionalmente competente quando ela consegue se expressar, tem boa regulação emocional e é capaz de lidar adequadamente com suas emoções, sejam agradáveis ou

desagradáveis, visando a uma melhor qualidade de vida em todas as dimensões de sua vivência (Gondim; Moraes; Brantes, 2014, *apud* Gonçalves; Sousa; Almeida, 2024). Portanto, a educação socioemocional possui papel crucial no desenvolvimento dos/as estudantes, tendo em vista que não só ajuda nas competências cognitivas, como também melhora as competências emocionais e sociais.

De acordo com o estudo realizado por Gonçalves, Sousa e Almeida (2024), essas competências têm impacto direto no cotidiano dos/as estudantes, pois a capacidade de se expressar e regular suas próprias emoções está interligada com menor índice de problemas comportamentais, como a agressividade ou ansiedade. Gonçalves, Sousa e Almeida (2024), citando Durlak *et al* (2011), apontam que estudantes que tiveram a oportunidade de participar de programas que possuem a educação socioemocional no currículo, obtiveram uma melhoria significativa não apenas em seus desempenhos escolares, mas também nas habilidades sociais e comportamentos, com menos conflitos como o bullying, agressividade e/ou tristeza. Esses dados reforçam a importância da implementação de programas nas escolas, especialmente considerando os benefícios a longo prazo para os/as estudantes e para a sociedade mais resiliente e cooperativa.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017) traz a educação socioemocional como um dos pilares essenciais para o desenvolvimento dos/as estudantes, trazendo-a como uma das dez competências gerais que formam a Educação Básica no Brasil. A BNCC destaca a importância da educação socioemocional como parte do desenvolvimento dos estudantes. Essa competência, segundo a BNCC, busca propiciar ao/à estudante “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (Brasil, 2017, p. 9).

Entre as competências gerais, a BNCC também mostra a importância da educação socioemocional quando estabelece a necessidade de “exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação” para fazer-se respeitar e promover “o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (Brasil, 2017, p. 9).

Essa perspectiva, contudo, sofre muitas críticas, sobretudo por atribuir “à educação escolar a responsabilidade por todos os problemas sociais” (Silva, 2022, p. 6). Para o autor, a:

educação escolar é reduzida a um processo de adestramento que deve produzir reações individuais em conformidade com as expectativas sociais, portanto reações estereotipadas, tanto no que se refere ao desempenho intelectual quanto no âmbito das reações emocionais e relações interpessoais (Silva, 2022, p. 6).

A análise de Silva (2022, p. 6) aponta que a abordagem das competências socioemocionais tem como finalidade “adaptar os indivíduos ao modo de funcionamento da sociedade capitalista”. Silva (2022, p. 6) aponta que a abordagem das competências socioemocionais, quando desvinculada da realidade concreta dos sujeitos, pode servir à lógica de adaptação ao funcionamento da sociedade capitalista. Para o autor, esse tipo de apropriação desconsidera os marcadores sociais que atravessam a experiência dos/as estudantes, como raça, classe e gênero. Sua crítica, portanto, não nega a importância da dimensão socioemocional, mas questiona os modos como ela tem sido instrumentalizada por discursos hegemônicos. O autor defende práticas educativas que considerem o contexto social dos sujeitos e que promovam um desenvolvimento socioemocional crítico, sensível às desigualdades e ao sofrimento cotidiano vivenciado nas escolas. Assim, compreendemos que, nessa sociedade tão adoecida em que vivemos, com marcas profundas nas instituições escolares e nos sujeitos que delas fazem parte, é necessário repensar a forma de educar, integrando também aspectos socioemocionais que estejam comprometidos com uma perspectiva crítica e transformadora.

Segundo a Agência Brasil¹, a partir de dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), divulgada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “aproximadamente um em cada dez adolescentes já se sentiu ameaçado, ofendido e humilhado em redes sociais ou aplicativos. Consideradas apenas as meninas, esse percentual é ainda maior, 16,2%”. De acordo com os dados, as agressões não se limitam à internet, sendo a escola o espaço em que “23% dos estudantes afirmaram ter sido vítimas de *bullying*, ou seja, sentiram-se humilhados por provocações feitas por colegas nos 30 dias anteriores à pesquisa”. Os motivos do

¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/ibge-um-em-cada-dez-estudantes-ja-foi-ofendido-nas-redes-sociais>. Acesso em 18-05-2025.

bullying, de acordo com a Agência Brasil, são: “aparência do corpo, aparência do rosto e cor ou raça”. A mesma pesquisa aponta que metade dos/as estudantes participantes “disse se sentir muito preocupado com as coisas comuns do dia a dia”, sendo que um em cada cinco deles/as “afirmou que a vida não valia a pena ser vivida. Entre as meninas, esse percentual é 29,6% e, entre os meninos, 13%”.

Trata-se, pois, de um fenômeno que precisa ser compreendido e sobre o qual é preciso intervir. Assim, ao discutir a educação socioemocional no contexto escolar, é necessário considerar tanto os estudos que abordam o conceito de forma teórica quanto aqueles que investigam sua aplicação na prática pedagógica. A literatura de revisão analisada neste trabalho traz uma visão panorâmica sobre o construto da educação socioemocional, reunindo evidências que apontam para sua eficácia na promoção do desenvolvimento dos/as estudantes. Essa abordagem é essencial para compreender os caminhos que a pesquisa científica tem trilhado e quais são as principais contribuições dessa proposta para o cotidiano escolar.

O estudo realizado por Campos *et al* (2020) oferece uma contribuição relevante, ao avaliar a eficácia de um programa de intervenção voltado à identificação e diferenciação de emoções por estudantes do ensino básico, com idades entre 9 e 15 anos. O programa foi baseado nas expressões faciais das seis emoções básicas, que buscou estimular o reconhecimento emocional em si e nos outros, por meio de atividades lúdicas e vivências.

Os resultados indicaram que as crianças mais novas (9 a 11 anos) apresentaram melhora significativa na identificação de emoções positivas após a intervenção, ao mesmo tempo em que demonstraram maior dificuldade na diferenciação de emoções neutras. Enquanto os/as adolescentes não tiveram uma mudança significativa. Esse estudo demonstra que a educação socioemocional, quando implementada de forma intencional, pode promover avanços concretos na vivência emocional dos/as estudantes, especialmente quando iniciada ainda na infância. Além disso, reforça a importância de práticas educativas que valorizem as emoções como parte do processo formativo, fortalecendo a autorregulação, a empatia e a convivência no ambiente escolar. Assim, ao relacionar os textos de (Gonçalves; Sousa; Almeida, 2024) da revisão teórica com a experiência prática do estudo de

Campos *et al* (2020), evidencia-se a importância de integrar teoria e prática na construção de propostas educacionais mais humanas.

Ao integrar esses estudos com o artigo *Percepção de professores sobre um programa de educação emocional: um estudo qualitativo* (Oliveira; Moraes; Ramos, 2024), observei um alinhamento entre a teoria e a prática pedagógica. Nesse estudo as professoras relatam que, ao implementarem programas de educação emocional em suas escolas, notaram melhorias significativas não só no desempenho escolar dos/as estudantes, mas também nas interações sociais e comportamentais. As atividades lúdicas, que são usadas como estratégia pedagógica para o desenvolvimento de competências socioemocionais, ajudam as crianças a reconhecerem e a regularem suas emoções, além de estabelecerem uma maior empatia e respeito mútuo entre elas.

Complementando essa perspectiva, a pesquisa de Nakano, Primi e Alves (2021) evidencia que o desenvolvimento socioemocional, ao ser trabalhado de forma intencional no espaço escolar, amplia não apenas as habilidades relacionais, mas também potencializa dimensões cognitivas e expressivas dos estudantes. Ao observar que competências como amabilidade e abertura a novas experiências estão associadas ao desempenho criativo, os autores demonstram que a educação socioemocional não deve ser vista como algo à parte do processo formativo, mas como uma dimensão transversal que favorece a aprendizagem, a autonomia e a formação integral.

Embora a educação socioemocional venha ganhando espaço nas discussões educacionais por sua contribuição ao desenvolvimento dos/as estudantes, é fundamental considerar os limites de sua implementação em contextos marcados por pobreza extrema, negligência familiar, violência doméstica e desigualdades estruturais. Nas escolas públicas localizadas em territórios socialmente vulneráveis, os/as docentes enfrentam o desafio de ensinar estudantes que muitas vezes carregam traumas profundos: crianças sofrem abusos ou que vivem em lares marcados pela ausência de afeto e pela insegurança alimentar, entre outros contextos de vulnerabilidade, podendo muitas vezes depender exclusivamente da merenda escolar como principal fonte de nutrição.

Nessas realidades, exigir que o/a professor desenvolva plenamente competências socioemocionais, conforme prevê a BNCC (Brasil, 2017), sem um suporte institucional efetivo, soa como um discurso desconectado da prática e da realidade. O próprio ambiente escolar muitas vezes não possui estrutura física, equipe multiprofissional (que inclui psicólogos/as e assistentes sociais) e formação adequada para lidar com os impactos emocionais causados pela vulnerabilidade na sociedade. Como trabalhar empatia, autorregulação e escuta ativa com estudantes que chegam à escola em estado de alerta constante, resultantes de contextos de sobrevivência?

Segundo Sousa, Almeida e Rodrigues (2019), é preciso abandonar uma perspectiva idealizada da educação emocional que desconsidera a realidade da escola pública e adotar uma abordagem crítica, que reconheça a urgência de políticas públicas integradas. A educação socioemocional, nesses cenários, deve ser tratada como parte de uma rede intersetorial de cuidado, envolvendo saúde, assistência social, segurança pública e educação. Não se trata de negar sua importância, mas de entender que, para funcionar, ela precisa estar vinculada a políticas estruturantes que promovam justiça social e garantia de direitos básicos.

Além disso, é preciso reconhecer que pelas próprias condições de trabalho e desvalorização profissional, além da sobrecarga de aulas e demais atividades pedagógicas, os/as próprios/as professores/as também necessitam de suporte e cuidado com a saúde mental. É preciso, assim, compreender esse fenômeno de forma complexa, sem romantizações.

Como estudante em reta final do curso de Pedagogia, reconheço que não é possível aplicar com efetividade um programa de educação emocional sem considerar as condições subjetivas dos/as estudantes - e a realidade de trabalho e de saúde mental dos/as professores/as. A sensibilização do/a professor/a é importante, mas é insuficiente diante da ausência do Estado na vida dessas famílias. Portanto, é necessário que as formações docentes e as propostas curriculares abordem também o sofrimento psicológico em contextos de precariedade, com estratégias que sejam realistas, contextualizadas e amparadas por ações coletivas.

4. Resultados e Discussões de Dados

A partir da análise dos textos selecionados, foi possível identificar as principais características das abordagens da educação socioemocional na literatura recente, assim como suas contribuições a partir de experimentos e programas aplicados em escolas de Educação Básica. Os estudos apontam para a relevância do desenvolvimento emocional como parte essencial da formação integral dos/as estudantes, mas também trazem alguns dos desafios estruturais que dificultam sua implementação em realidades educacionais marcadas por desigualdades.

O estudo de Gonçalves, Sousa e Almeida (2024) destaca que o desenvolvimento de competências socioemocionais está diretamente ligado à melhoria do desempenho escolar e à promoção do bem estar dos/as estudantes. O estudo ainda afirma que habilidades como autorregulação, empatia e boa convivência são importantes não apenas para ter sucesso acadêmico, mas também para viver bem em sociedade.

Essas ideias também são encontradas na BNCC (Brasil, 2017) que, como já foi dito, define o desenvolvimento socioemocional como uma das dez competências gerais da educação básica, abrangendo aspectos como responsabilidade, empatia, cooperação e respeito às diversidades.

O estudo de Campos *et. al* (2020) mostra, com base empírica, que programas de intervenção voltados para as habilidades de reconhecer e diferenciar emoções podem gerar avanços significativos no desenvolvimento emocional, principalmente em crianças. A pesquisa evidencia que, ao trabalhar de forma lúdica sobre as emoções, é possível promover alguns avanços nas vivências emocionais dos/as estudantes, especialmente quando se inicia na infância. Tais dados corroboram com a pesquisa de Gonçalves, Sousa e Almeida (2024) sobre a implementação e efetividade da educação socioemocional quando integrada à prática pedagógica.

Nesta mesma linha, o estudo de Oliveira, Moraes e Ramos (2024) reforça a importância da mediação docente na implementação de programas de educação socioemocional. As professoras que realizaram o programa em questão, relataram melhorias significativas nas interações sociais e no comportamento de alguns/algumas estudantes após desenvolverem as atividades lúdicas, o que evidencia também a importância do/a professor/a como mediador/a no processo de

ensino-aprendizagem, capaz de criar espaços seguros e acolhedores para o desenvolvimento emocional, mesmo diante de limitações estruturais.

Os estudos analisados também apontam uma conexão entre competências socioemocionais e outras habilidades cognitivas relevantes ao desenvolvimento dos/as estudantes. Nakano, Primi e Alves (2021), por exemplo, investigaram a relação entre criatividade e competências socioemocionais em estudantes do ensino fundamental e identificaram relações positivas entre a criatividade e fatores como amabilidade, conscienciosidade e abertura para novas experiências. Esses resultados evidenciam que o estímulo a aspectos socioemocionais pode contribuir também para o fortalecimento de habilidades criativas, que são valorizadas como competências essenciais no século XXI.

Apesar das evidências positivas, a literatura também aponta limites significativos. Silva (2022) critica a abordagem das competências socioemocionais por considerá-la uma estratégia de adaptação ao modelo capitalista atual. Essa crítica é reforçada por Souza, Almeida e Rodrigues (2019), que chamam atenção para a necessidade de compreender a educação emocional como parte de uma rede de cuidado e proteção. Para os/as autores/as, em contextos marcados pela pobreza, violência e negligência, como aqueles apontados nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE (IBGE, 2019), os programas de educação socioemocional, se não estiverem ancorados em políticas públicas efetivas, tendem a fracassar ou a sobrecarregar ainda mais os/as docentes.

Diante dos desafios identificados, é fundamental que a educação socioemocional considere a complexidade das experiências vividas pelos/as estudantes e os limites estruturais enfrentados pelas escolas. A proposta de uma educação mais humana, integradora e sensível às realidades sociais não pode se limitar a técnicas, mas deve ser parte de um projeto pedagógico mais amplo, construído por ações coletivas e pela sensibilidade às desigualdades sociais e educacionais.

5. Considerações Finais

Os estudos analisados evidenciam que as competências socioemocionais impactam diretamente o bem-estar emocional, o desempenho acadêmico e a qualidade das interações sociais no ambiente escolar. A inclusão dessas habilidades no currículo escolar, como propõe a BNCC (Brasil, 2017), representa um avanço significativo na tentativa de promover uma formação mais humana.

Entretanto, a abordagem da BNCC em relação à educação socioemocional revelam limitações importantes para a efetivação dessa proposta, especialmente nas escolas públicas situadas em contextos de vulnerabilidade social. As dificuldades estruturais, a ausência de equipes multiprofissionais, a sobrecarga dos/as profissionais, especialmente professores/as, e a precarização das condições de trabalho são obstáculos que dificultam a prática da educação socioemocional de forma significativa. Além disso, o texto também aponta que muitos/as estudantes enfrentam situações graves de negligência, violência e insegurança, o que exige uma rede de apoio além do ambiente escolar.

Portanto, embora a BNCC tenha o mérito de reconhecer a importância das competências socioemocionais, sua proposta carece de uma fundamentação crítica e política que leve em conta as desigualdades sociais e os desafios reais das escolas públicas brasileiras. Para que a educação socioemocional cumpra seu papel emancipador, é necessário superar as limitações da BNCC, promovendo uma abordagem crítica, contextualizada e coletiva, que dialogue com as demandas subjetivas das comunidades escolares.

Compreender essas limitações é fundamental para não romantizar a prática pedagógica, reconhecendo que a promoção das competências emocionais e sociais requer políticas públicas integradas e investimentos em formação docente, infraestrutura escolar e suporte psicossocial, com contratação de equipes multiprofissionais, especialmente de Assistentes Sociais e Psicólogos/as. Assim, o estudo aponta para a necessidade urgente de ações coletivas e amplas, que articulem educação, saúde e assistência social no cuidado aos/às estudantes e profissionais da educação.

Por fim, a pesquisa destaca que, embora a educação socioemocional seja uma proposta necessária, sua implementação efetiva depende da complexidade das realidades escolares brasileiras. Portanto, é necessário avançar para além das propostas, promovendo ações que garantam condições reais para que essa formação aconteça.

Referências

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), e nº 11.494, de 20 de junho de 2007; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a reforma do ensino médio. ***Diário Oficial da União: seção 1***, Brasília, DF, 17 fev. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 9 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Alguns passos no caminho de uma outra educação. In: **Criatividade - mudar a educação, transformar o mundo**. Ashoka/ Instituto Alana, 2019. Acesso em: 12 de maio. 2025.

CAMPOS, Sofia Margarida Guedes de et al. Avaliação de programa sobre identificação de emoções por alunos do ensino básico. ***Acta Paulista de Enfermagem***, São Paulo, v. 33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/apel/a/cDFqLvK5GDqQQjsHfZ6MHZc/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso em: 13 abr. 2025.

GONÇALVES, Marta Silva; SOUSA, Adriano de; ALMEIDA, Pedro. Construto socioemocional e suas contribuições para a Psicologia e Educação. ***Fractal: Revista de Psicologia***, Niterói, v. 36, e24020, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/fy46Kh8dqjdJQfHDspLKgdR/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LIBÂNEO, José C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In: **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. 1ed. Campinas (SP): Alínea, 2005, v. 1, p. 19-62.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. ***Revista Katálisis***, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR>. Acesso em: 13 abr. 2025.

NAKANO, Tatiana de Cassia; PRIMI, Ricardo. Habilidades do século XXI: relações entre criatividade e competências socioemocionais em estudantes brasileiros.

Educar em Revista, Curitiba, n. 79, p. 1-18, 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/ccYWfCPrGtYqKPFd9hkJrZv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2025.

OBSERVATÓRIO MOVIMENTO PELA BASE. **Como a educação socioemocional é abordada na BNCC**. 2020. Disponível em:

<https://observatorio.movimentopelabase.org.br/como-a-educacao-socioemocional-e-abordada-na-bncc>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OLIVEIRA, Rafaela de; MORAIS, Andréa; RAMOS, Cíntia. Percepção de professores sobre um programa de educação emocional: um estudo qualitativo.

Revista Brasileira de Educação, v. 29, 2024.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/w6k4MxKVf9bcy86NQgR3hDg/>.

Acesso em: 13 abr. 2025.

SILVA, M. M. da. Crítica à formação de competências socioemocionais na escola.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 22, p. 10-20, 2022. DOI:

10.20396/rho.v22i00.8659871. Disponível em: <https://bityli.com/QBzTHx>. Acesso em: 4 maio.

SILVA, T. T. da. **As concepções de currículo e as tecnologias: os usos em**

debate. *Revista Brasileira de Educação*, [s.l.], v. 16, n. 49, p. 25-40, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/fYmdyBt/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Doralice Sá Rego. Porto Alegre: Penso, 2016.